



## DA LEITURA DA PALAVRA À LEITURA CRÍTICA DO MUNDO: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA A PRÁTICA DA LEITURA NA ESCOLA

Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse trabalho tem por objetivo apresentar alternativas para o trabalho com a linguagem e a leitura na escola. Norteia-se pela noção de leitura como um processo de produção de sentidos em constante movimento, numa prática discursiva em situação concreta de interlocução, a partir de uma visão de linguagem como opaca, não transparente. Desde essa ótica, busca-se pensar como o texto significa e não o que ele significa, concebendo-o, assim, em sua discursividade. No intuito de contribuir para essa prática, trazemos, aqui, uma abordagem discursiva, no trabalho com textos que tratam de uma mesma temática, a partir de diferentes posições. Para atingir tal intento, apoiamos-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da A.D. materialista e em teorias desenvolvidas por Freire acerca de texto e leitura.

**Palavras-chave:** Linguagem. Discurso. Leitura. Ensino.

**Abstract:** This paper aims to present alternatives for working with language and reading in schools. It is guided by the notion of reading as a process of production of meanings in constant movement, in a discursive practice in a concrete situation of interlocution, based on a view of language as opaque, not transparent. From this perspective, we seek to think about how the text means and not what it means, thus conceiving it in its discursiveness. In order to contribute to this practice, we present here a discursive approach, working with texts that address the same theme, from different positions. To achieve this aim, we rely on the theoretical and methodological assumptions of materialist DA and on theories developed by Freire about text and reading.

**Keywords:** Language. Discourse. Reading. Teaching.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica as relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2017 p. 15).

### Introdução

Iniciando com essa citação de Freire, queremos, antes de mais nada, destacar que o trabalho com a linguagem e a leitura na escola há muito vem sendo tema de muitas discussões e teorizações. Há que se levar em consideração as contribuições de quantos já produziram um vasto material acerca de diferentes concepções de ensino, de texto e de leitura.

Dentre essas, destacamos as contribuições de Paulo Freire que, já no início da década de 1960, revolucionou o processo de alfabetização de adultos com uma nova perspectiva de leitura; entendida não como mera decifração de signos ou como interpretação do pensamento do autor, mas como um processo de produção de sentidos que possibilita ao aluno/leitor

---

<sup>1</sup>Professora do Programa de Mestrado e Doutorado em Letras e Literatura da Faculdade de Letras Titulação da Universidade Federal de Alagoas. Mestrado e Doutorado em Linguística pelo PPGLL. Atua como pesquisadora no Grupo de Estudos do Discurso e Ontologia Marxiana (GEDOM) da Linha Discurso: sujeito, história e ideologia.

ampliar sua visão de mundo, indo muito além da decodificação da palavra escrita, estabelecendo assim uma relação entre o texto e a realidade que nele se materializa.

Nessa perspectiva, o texto é entendido não como uma sequência de frases organizadas como um todo; uma unidade fechada, com um sentido único, que pode ser interpretada em si mesma numa relação direta autor/leitor, mas como um objeto sócio-histórico, aberto à exterioridade. “O texto é lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade [...] Como toda peça de linguagem, como todo objeto simbólico, o texto é objeto de interpretação”. (ORLANDI, 1983, pp.204- 205). A teorização de Orlandi vai ao encontro de estudos produzidos – sobre a língua/linguagem –, por diferentes autores, em diferentes momentos históricos, ancorados nos pressupostos teórico metodológicos do materialismo histórico dialético – Valentin Volóchinov (1929), URSS, e Michel Pêcheux (1969), França. Não temos a intenção de desenvolver aqui a extensa produção desses autores; apenas consideramos necessário mencioná-los, dada a importância de suas contribuições para os estudos da linguagem.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, diz Volóchinov (2017, p. 218-219): “a realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas, nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados”.

Para Pêcheux (1983, p. 53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Assim, a série de pontos de deriva que ocorrem num enunciado constitui o lugar da interpretação, o lugar em que os sentidos se mostram instáveis, abrindo a possibilidade de derivar para outros sentidos, pois, retomando Volóchinov (2017, p. 206), “a situação social mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado”. Conforme Florêncio *et. al* (2016, p. 3):

É a essa concepção de língua enquanto atividade especificamente humana, concreta, histórica que nos filiamos. Língua entendida como uma entidade inacabada, imprecisa, ambígua cujos elementos assumem funções sintáticas e configurações semânticas não de todo definidas nem definitivas, o que implica poder observar sua incompletude (FLORÊNCIO *et. al*, 2016, p. 3). Esse entendimento está ancorado nos pressupostos do Materialismo histórico dialético. Nessa perspectiva, o estudo dos processos de produção de sentidos exige uma compreensão da sociedade, na qual os discursos emergem, uma vez que são constituídos a

partir de acontecimentos, numa dada sociedade, produzindo sentidos historicamente determinados. Daí o entendimento de texto como “unidade significativa; objeto sócio histórico; aberto à exterioridade” (ORLANDI. Idem) e de leitura enquanto processo de apreensão crítica da realidade visando à sua transformação.

### **Continuando a reflexão**

Embora as contribuições dos teóricos referidos tenham sido objeto de estudo desde meados do século passado, atualmente – final do primeiro quarto do século XXI –, embora uma parcela da sociedade esteja inserida na era digital, acompanhando seus avanços, grande parte da população brasileira ainda não logrou o acesso à leitura da palavra escrita.

A escola, como uma instituição que tanto pode manter como transformar os sentidos ideologicamente constituídos numa sociedade de classes, tem o privilégio de constituir-se como um lugar institucional autorizado a ensinar a ler e a escrever. No entanto, a cada ano, crescem as críticas acerca da ineficiência da escola que, embora recorrendo a diferentes metodologias, não tem conseguido formar alunos-leitores.

Em pesquisas desenvolvidas em salas de aula, em períodos de Estágio supervisionado do ensino de Língua Portuguesa, constatam-se, ainda, práticas de leitura que desconsideram as condições de produção geradoras de uma posição discursiva em que o leitor/produzidor de sentidos está inserido.

A leitura é trabalhada ainda numa perspectiva de interpretação mecânica, pela via de uma visão imanente ao texto, não trabalhando a relação língua/discurso, deixando o sujeito-leitor à margem dos acontecimentos e posicionamentos políticos da realidade em que se insere. Esse sujeito-leitor estabelece uma relação com uma linguagem escolar higienizada – que ignora os conhecimentos do aluno, histórica e socialmente acumulados.

Ante essa realidade e, entendendo o conhecimento como um processo sempre inconcluso que se constitui historicamente, pretendemos, neste trabalho, refletir sobre a importância das contribuições da AD para a prática de leitura em sala de aula, pois essa disciplina inaugura novas práticas de leitura, numa visão que concebe o texto como unidade aberta a novas significações e a leitura como produção e transformação de sentidos.

Pretendendo-se ensinar leitura, sua aprendizagem deve fazer funcionar a inscrição do sujeito na rede de significantes. Acontece que na própria produção discursiva há a inscrição do outro. Se pensarmos o campo da leitura, isso fica assim: a função-autor tem seu duplo no efeito-leitor. E isto está constituído na materialidade do texto. (ORLANDI, 2001, p. 61).

O leitor tem, pois, diante de si, uma materialidade linguística que, como objeto de leitura e consequente unidade de análise, medeia a relação autor/leitor ao abrir-se para a interpretação e, segundo Orlandi (1996, p.61), “como toda peça de linguagem, como todo objeto simbólico, o texto é objeto de interpretação” e toda interpretação tem sua gênese nas lutas sociais; nas atividades dos sujeitos. Por isso o movimento do discurso é um processo dinâmico e contraditório, uma vez que o real do discurso está nas suas determinações sócio-históricas, tendo como base de sustentação as práticas sociais.

Esse entendimento vai ao encontro da afirmação de Pêcheux (2006, p. 17) quando o autor define o acontecimento discursivo como “o ponto de encontro de uma atualidade a uma memória. [...] Índice de agitação nas filiações sócio históricas.” Ou seja, sendo produzido socialmente, seus sentidos historicamente determinados não resultam de propriedades linguísticas, nem de arranjos sintáticos; dependem de posições assumidas pelos sujeitos, no âmbito da luta de classes. O discurso é, pois, “práxis humana que só pode ser compreendida, a partir do entendimento das contradições sociais que possibilitam sua objetivação”. (MAGALHÃES, 2003, p. 75).

Assim, a proposta da AD é explicar os caminhos da estruturação do texto, entendido como unidade que permite ter acesso ao discurso, quais sejam: “a) remeter o texto ao discurso; b) esclarecer a relação deste com as FD, pensando as relações destas com a ideologia” (ORLANDI, 1996, p. 60).

Quando nos referimos às contribuições da AD para o trabalho com a leitura na escola, estamos partindo do entendimento desta como disciplina interpretativa da realidade, que trata a leitura pelo viés da relação língua/discurso, elegendo como objeto de estudo o discurso, pensado em relação à sua exterioridade, ou seja, numa dimensão histórico-social da identificação do sentido e do sujeito.

Desse modo, nas trilhas da AD materialista, o sujeito é corresponsável pelo que lê, em virtude das diferentes condições em que o discurso é produzido e materializado através da linguagem, o que possibilita que um mesmo texto possa ser lido de diferentes maneiras, pelo mesmo ou por diferentes leitores, em diferentes épocas. Desde essa ótica, não se pode analisar um discurso sem levar em consideração suas Condições de Produção: em sentido amplo, que expressa as determinações sócio-históricas e ideológicas, e em sentido estrito, considerando as condições imediatas que possibilitam a irrupção do discurso.

A possibilidade de diferentes leituras resulta, pois, das diferentes subjetividades em diálogo com o texto, sempre aberto a novas significações, pela relação deste com o discurso.

Ou seja, nesse sentido, a leitura se dá na investigação de como o texto organiza a relação da língua com a história, no processo de significação dos sujeitos (em suas funções autor/leitor) na sua relação com o mundo. Portanto, um sujeito histórico, constituído nas práticas sociais – e uma delas é a leitura –, por elas condicionado, mas também capaz de realizar escolhas, dentro, é claro, das possibilidades postas pela objetividade e, assim, poder também intervir nessa realidade. Essas escolhas, no entanto, não são aleatórias, mas são dadas pela objetividade, atuam nas consciências e dão lugar às interpretações.

Assim, sempre haverá diferentes leituras dependendo de sua inserção em diferentes contextos, ou seja, na relação de posições histórica e socialmente determinadas, lugar da junção língua/ideologia, pois o sujeito-leitor realiza a leitura a partir de sua posição no mundo

Essa é uma visão teórica que dá sustentação a uma prática de leitura direcionada a levar o aluno a se ver inserido na sociedade, e a escola como lugar de produção do conhecimento, mas, também, em seu papel de formadora de cidadãos críticos, conscientes, com poder de atuação e transformação de seu meio social. Para tanto, cabe à escola criar condições que abram aos alunos a compreensão de diferentes sentidos possíveis, existentes e ou possíveis de existir, oferecendo-lhes novas formas de reflexão, novos modos e gestos de leitura. A partir dessas considerações, trazemos, a seguir, algumas possibilidades de trabalho com a leitura na escola.

### **A leitura da “palavra/mundo”**

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2017, p. 15). Ou seja, antes de ter acesso à palavra escrita, o leitor já teve contato com “vários textos” ao seu redor. Assim, na medida em que compreendemos a educação, de um lado, reproduzindo a ideologia dominante, mas, de outro, proporcionando o seu desvelamento através da confrontação entre o que diz o discurso oficial, materializado nos livros didáticos, e a realidade vivida pelos educandos e educadores, destacamos a necessidade de um trabalho crítico com a leitura na escola. No intuito de contribuir para essa prática é que trazemos aqui uma abordagem discursiva, no trabalho com textos que abordam uma mesma temática, a partir de diferentes posições.

### **Os caminhos do lixo: uma possível abordagem discursiva dos textos**

#### Texto 1. O bicho

Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio  
Catando comida entre os detritos.  
Quando achava alguma coisa,  
Não examinava nem cheirava:  
Engolia com voracidade  
O bicho não era um cão,  
Não era um gato,  
Não era um rato.  
O bicho, meu Deus, era um homem.  
(BANDEIRA, 1971, p. 145).  
De lixo a iguaria de banquete  
Texto 2. Descuidar do lixo é sujeira

Diariamente, duas horas antes da chegada do caminhão da Prefeitura, a gerência (de uma das filiais da McDonald's) deposita na calçada dezenas de **sacos plásticos recheados de papelão, isopor, restos de sanduíche**. Isso acaba propiciando um **lamentável banquete de mendigos**. Dezenas deles vão ali **retirar o material** e acabam deixando os restos espalhados pelo calçadão. (VEJA, 1992, grifos nossos).

Na perspectiva do Análise do Discurso a que nos filiamos, os textos materializam discursos que, por sua vez, resultam de posições de sujeitos acerca de “uma realidade, que objetiva na materialidade discursiva, o ponto de vista da subjetividade; esta tem as classes sociais como determinantes” (FLORÊNCIO *et.al*, 2016, p. 84). Ou seja, os autores dos textos apresentam diferentes leituras de mundo. As escolhas lexicais – que não são inocentes –, utilizadas na produção de seus textos, constituem pistas para a identificação das posições assumidas.

Como, pois, identificar essas pistas da leitura de mundo dos autores, a partir da leitura palavra escrita? Orlandi (2001, p. 63) dá uma importante contribuição nesse sentido, quando afirma: “a leitura implica uma inclinação do olhar. [...] Diante do texto, o olhar bate em pontos diversos, mas pela sua inclinação, há uma disciplina que faz com que o olhar dirija-se a esse ponto e não àquele”. No intuito de contribuir para a abordagem discursiva dos textos, apresentamos, a seguir, algumas alternativas (que não são únicas):

1. Leitura do texto pelos alunos.

2. O que diz o texto?

Essa primeira etapa funciona como a porta de entrada para a interpretação do texto, pois toda materialidade discursiva (escrita, falada, imagética, sonora) refere-se a um conteúdo, a um recorte da realidade.

3. Quem diz o texto e como diz?

A resposta a essa pergunta também é importante, porque possibilita a identificação da conjuntura sócio-histórica em que o texto foi produzido e da posição assumida pelo sujeito autor. Como o autor diz o texto?

Esse momento exige do sujeito leitor, como já dito por Orlandi (2001, p. 63), “uma inclinação sobre o texto”, a fim de identificar os recursos linguísticos empregados na descrição da realidade (designações, qualificações, metáforas, metonímias, vocativos, verbos etc.).

Retomando os textos apresentados anteriormente e buscando responder à questão 2, constatamos que os dois elegem como objeto o mesmo recorte da realidade brasileira – o lixo. Entretanto, teremos respostas diferentes com relação às questões 3 e 4.

No texto “O bicho”,<sup>2</sup> temos como autor Manuel Bandeira, escritor, crítico literário, professor, membro da Academia Brasileira de Letras; fez parte do movimento Modernista, que teve como marco inicial a Semana de Arte Moderna em São Paulo, em 1922. O referido movimento artístico cultural e literário caracterizou-se pela liberdade estética, pelo nacionalismo e pela crítica social. A conjuntura sociopolítica do Brasil, a essa época, foi marcada pela insatisfação relacionada ao poder político vigente, concentrado nas mãos de latifundiários paulistas e mineiros (café com leite).

Ao produzir o texto/poema, o autor o faz mostrando uma realidade cruel que atinge grande parte da população – a fome. Assim, retrata uma cena do cotidiano que tem como cenário um pátio “imundo” cheio de “detritos” (lixo). Nesse cenário insalubre, “um bicho” busca matar sua fome. Nessa busca, suas ações são descritas através de verbos que sugerem ações que não se aplicariam a seres humanos: “Quando achava alguma coisa, **não examinava nem cheirava: engolia com voracidade**”. Os animais geralmente cheiram o alimento antes de ingeri-lo. A seguir, o autor, buscando caracterizar a espécie a que pertencia “o bicho”, o faz de forma regressiva: “não era um cão, não era um gato, não era um rato”. Ou seja, não pertencia à espécie canina, nem felina, nem roedora. Finalizando, mediante o vocativo “meu Deus”, o autor expressa seu espanto ao constatar que “o bicho era um homem”. Ao “inclin

---

<sup>2</sup> O poema foi publicado pela primeira vez em 1947.

olhar” sobre o texto, é possível identificar a atitude de denúncia das desigualdades sociais que desumanizam os seres humanos, reduzindo-os à condição de animais irracionais. Por aí também é possível identificar o lugar assumido pelo sujeito autor – o lugar do oprimido.

Quem diz e como diz o texto “Descuidar do lixo é sujeira”?

O referido texto é publicado em dezembro de 1992 pela revista Veja. Projeto da editora Abril, a referida revista, idealizada nos moldes da revista americana Time, nasce em 1968, sob a direção do empresário Roberto Civita. Apresenta-se com a “missão” de prestar serviços à sociedade, fornecendo informações acerca de vários aspectos do país. Contudo, seu verdadeiro e único objetivo é conquistar leitores, vender, ter lucro.

Nessa perspectiva, o referido texto é direcionado às pessoas que circulam em determinada área urbana da cidade de São Paulo – que não é a periferia –, onde está situada “uma filial da McDonald’s”. Nessa trilha, o lixo não é sujeira; sujeira é descuidar dele. Essa é a única vez que a palavra “lixo” é enunciada. A seguir, ao designar o “material” que é depositado na calçada, o autor assim refere: “**sacos plásticos recheados de papelão, isopor, restos de sanduíche**”. Isso não é sujeira; sujeira é o que acaba propiciando: “**um lamentável banquete de mendigos**”. Temos aí uma outra designação para o lixo – banquete. Este, no entanto, é desfrutado pelos mendigos: “Dezenas deles vão ali **retirar o material** e acabam deixando os restos espalhados pelo calçadão”. Por aí, identifica-se a posição autor. Ele assume a posição-sujeito da classe dominante, para quem a preocupação não é a existência de mendigos que se alimentam de restos de comida, mas a limpeza da cidade.

### **De lixo a “mercadoria com valor de troca”<sup>3</sup>**

Como já dito anteriormente, estamos vivendo o primeiro quarto do século XXI. As últimas décadas do século passado foram marcadas por uma crise estrutural do sistema capitalista, que tem como consequência a ascensão do neoliberalismo, investindo sobre as conquistas do liberalismo clássico, cujas regulações e limitações ao exercício do poder e das atividades da iniciativa privada não interessavam mais ao processo de acumulação capitalista. Vivemos, “nos dias atuais, um aprofundamento da lógica neoliberal, a qual tem provocado profundas consequências na conjuntura política e social, principalmente para o conjunto da classe trabalhadora” (ROCHA, 2024, p. 4). Segundo o referido autor soma-se a isso a 4ª Revolução Industrial, ou 4.0, nascida na Alemanha em 2011, que possibilita um salto tecnológico no mundo produtivo, através das novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC).

---

<sup>3</sup> Cf. Galon (2015).

Sua principal consequência para o mundo do trabalho será a ampliação do trabalho morto, tendo o maquinário digital – a “internet das coisas” – como dominante e condutor de todo o processo fabril, e a consequente redução do trabalho vivo, através da substituição das atividades tradicionais e mais manuais por ferramentas automatizadas e robotizadas, sob o comando informacional-digital. (ANTUNES, 2018, pp. 37-38).

Para o trabalhador, a consequência é a precarização do seu trabalho em suas diversas nuances, como nos aponta Antunes (2018): redução de postos de trabalho, perda de direitos sociais, redução salarial, ampliação de jornadas, jornadas intermitentes e informalidade. Para Galon (2015, p. 35), a informalidade é entendida como “articulada ao trabalho formal, sendo um instrumento do modo de produção capitalista que cria e recria novas formas de informalidade, objetivando à valorização do capital”.

No circuito da informalidade, vamos encontrar um amplo rol de atividades como: vendedores ambulantes, flanelinhas, cuidadores de carros, entregadores de compras, catadores de lixo. A designação “lixo”, o que não serve mais, o que é descartado, foi ressignificada por “material reciclável” (que pode ser reaproveitado). Assim, o lixo, o que é descartado por uns porque não lhes serve mais, se transmuta em nova mercadoria com valor de troca. “O trabalho dos catadores de materiais recicláveis, embora promova ganhos ambientais à sociedade e econômicos à cadeia de reciclagem, está inserido no contexto de informalidade e invisibilidade social” (GALON, 2015, p. 9).

Em sua tese de doutorado intitulada “Do lixo à mercadoria, do trabalho ao desgaste: estudo do processo de trabalho e suas implicações na saúde de catadores de materiais recicláveis”, Galon (2015) investiga as condições de saúde e de adoecimento dos catadores de material reciclável. A autora, no curso de seu trabalho, nos brinda com uma fala de um catador: “Catador de lixo? Lixo não, misericórdia! [...] catador de reciclagem! [...] Lixo é um, reciclado é outro” (Galon, 2015, 122).

Essas materialidades revelam a posição do trabalhador inserido na informalidade, mas buscando negar a degradação do seu trabalho e sua invisibilidade. Na fala, temos a ressignificação do conceito de lixo. Hoje, essa designação refere-se a material orgânico em decomposição. Atualmente, dado o crescimento do consumismo, ancorado na política de obsolescência programada, os objetos adquiridos têm prazo de validade, sendo descartados.

Na mesma trilha encontra-se uma imagem<sup>4</sup>, extraída tese citada. Na imagem temos um catador de reciclagem, dignamente vestido, exibindo um crachá e seu veículo de trabalho – uma carroça toda pintada – onde está escrito: “Não buzine me dê bom dia”. O lixo nessa

---

<sup>4</sup> A imagem não foi exibida por não termos autorização para tanto.

perspectiva (material reciclável) transforma-se em mercadoria, com valor de troca. De material descartado, julgado imprestável para uns, transforma-se em matéria-prima que, transformada através da reciclagem, reduz custos das empresas nacionais e internacionais.

O enunciado em destaque entre aspas, “NÃO BUZINE ME DÊ BOMDIA”, no imperativo negativo e afirmativo, expressa o desejo do trabalhador de ser reconhecido como “gente”, como trabalhador que também contribui para a limpeza da cidade.

### **Voltando à leitura do mundo**

Após esse trabalho em sala de aula, seria apresentada uma proposta de trabalho para os alunos.

1. Descrever um dia de um trabalhador da economia informal: catadores de material reciclável, flanelinhas, guardadores de carro, manobristas, vendedores ambulantes.

2. Sugestões de perguntas: como vivem; quantas horas trabalham por dia; quanto ganham por dia de trabalho; são alfabetizados; em que condições trabalham.

3. A partir dos resultados obtidos, elaborar: vídeos, documentários, dramatizações, relatórios etc. que serão apresentados em sala de aula.

### **Considerações finais**

Entendemos que esse trabalho de ir e vir – da leitura do mundo à leitura da palavra; à leitura do mundo – possibilita ao aluno novas formas de leitura, conseqüentemente, novas formas de reflexão, possibilitando a compreensão de diferentes sentidos.

Assim, constata-se que a leitura, numa visão discursiva, se mostra indo ao encontro de novos paradigmas do mundo, do conhecimento, que não só exige a dominação de novas metodologias e recursos, incluindo-se, aqui a linguagem eletrônica, mas a capacidade de os sujeitos compreenderem os efeitos de sentido postos em circulação pela via da ordem simbólica e, assim, saberem lidar com as relações de poder inerentes aos conflitos de classes. Assim, estaremos intervindo nas práticas políticas do nosso tempo, colocando o conhecimento como arma crítica, à serviço da construção de espaços (ainda que pequenos) onde possa surgir uma nova sociabilidade.

### **Referências**

ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BANDEIRA, Manuel. *Seleção em prosa e verso*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1971.

10 – Conexão Letras, Porto Alegre, v. 19, n. 31, p. 01 - 11, jan-jun. 2024. E-ISSN 2594-8962.

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2594-8962.142375>

- FLORENCIO, Ana Maria Gama; MAGALHÃES, Belmira; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva; CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. *Análise do Discurso: fundamentos & prática*. Maceió: EDUFAL, 2016.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2017.
- GALON, Tanyse. *Do lixo à mercadoria, do trabalho ao desgaste: estudo do processo de trabalho e suas implicações na saúde de catadores de materiais recicláveis*. 2015. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22132/tde-29052015-190523/>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- MAGALHÃES, Belmira. O sujeito do discurso: um diálogo possível e necessário. *Revista Linguagem em (dis)curso*, Tubarão, v. 3, número especial, p. 73-90, 2003.
- ORLANDI, Eni. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI Eni. *Interpretação autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico* Petropolis. Vozes 1996.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*; tradução Eni Orlandi e. al. 5ª edição Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.
- PÊCHEUX Michel *O discurso estrutura ou acontecimento* Campinas SP. Pontes 2006
- ROCHA, André Luis Guimarães. *A reforma administrativa ultraneoliberal e a precarização do serviço público: silenciamento e cinismo no discurso de flexibilização das relações trabalhistas dos servidores públicos*. 2024. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2024.
- VEJA. Descuidar do lixo é sujeira. *Veja*, São Paulo, 23-29 dez. 1992.
- VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2017.

**Recebido em:** 15/08/2024; **Aceito em:** 15/08/2024.